

O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO. CARICATURISTA SILVA E SOUZA

DIKECTOR E PROPRIETARIO: ESTEVAO DE CARVALHO
SECRETARIO DE REDACCAO: JULIO DUMONT (ORLANDO)
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHOGRABADO NA EDITORA L. COME BRABALÇO-LISBOA

REDACCAO E ADMINISTRACAO R. DA TALAYA N.º 128 LISBOA

ASSIGNATURAS
ANNO 6000 REIS
SEIS MESES 3000
TRES MESES 1500
NUMERO AVULSO 20 REIS
ANUNCIOS: PRECO CONVENCIONAL

ANNO 2.º

N.º 75

Terça feira, 3 de AGOSTO de 1909

O NOVO POMBAL !



GIRA D'AQUI CANALHA VIL !!!

DECLARAÇÃO

Resolvemos adiar para hoje quarta feira a sabida do nosso jornal, devido ao pessoal d'«A Editora» desejar na sua totalidade incorporar-se no magestoso cortejo de segunda feira, e sendo esse o dia em que se procede á sua impressão, era nosso dever não forçarmos um pequeno núcleo de operarios a trabalhar exclusivamente para o nosso jornal e por assim entendermos é que tomamos tal resolução, que decerto está no animo de todos, esperando que os nossos estimaveis assignantes e demais leitores nos relevem esta falta.

Pela empreza
Estevão de Garvalho.

TRIBUNA DOS MESTRES

A Revolução

Carta a um republicano de Leiria

Meu caro: Perguntas-me tu, dessa linda terra da Extremadura, onde nós ambos sentimos os primeiros assomos de revolta, onde ambos aprendemos a odiar e a amar — a amar esse casto e generoso povo e a odiar as castas que o exploram e o bestializam — perguntas-me tu, ia eu dizendo, por que motivo se não tem feito a revolução.

Por que motivo... Ah! está uma resposta que ninguém poderia dar-te: nem os homens, sempre falliveis nos seus cálculos e conceitos, nem os deuses, se deuses existissem...

Perguntas-me tu se a Revolução virá a fazer-se, e eu dir-te-ei, sem uma sombra de duvida: sim, ha de fazer-se. Nem a força nem os argumentos lhe poderão travar a marcha. A Ideia, que a impelle deante de si, ah! vem, rolando dia e noite pela alta montanha da Historia. Lembra um pedregulho, que começa a descer um monte escarpado: emperra aqui, resalta acolá, mas o impulso adquirido leva-o sempre e sempre, derribando obstáculos, galgando barrancos, até ao fim...

O mesmo succede com a ideia revolucionaria. Não ha já florestas de carabinas que a façam parar na sua carreira de vertigem...

Quando virá rebentar-nos aos pés, na tragica explosão das grandes convulsões sociaes?

Ah! está o que ninguém pode dizer-te. Nós, os que vivemos aqui, bem lhe sentimos o fragor, cada vez mais proximo... O proprio solo trême, porque todos aquellos que a receiam, todos aquellos para quem a Revolução traz o terror do desconhecido, já não sahem ás ruas desta admiravel cidade sem o amparo de um matagal de lanças em riste. As proprias cavalgaduras que puxam o Regimen, numa desfilada de pavor, pelas calçadas e asphalatos de Lisboa, sentem nas réguas ferraduras o calor do incendio formidavel que lavra no sub-solo... E não é tudo: Quando algum esbirro, em horas de consciencia alerta, colla o ouvido á terra salta-lhe á cara a

pallidez da morte. E' que todos elles, quer pela calada da noite, quer á luz crua do sol, sentem sempre a aproximação do rumôr fatal: a marcha vermelha da revolta.

E' ah! está porque nós a não fazemos, hoje ou ámanhan, isto é, a prazo fixo. Ella é que se faz, ella é que se engrandece cada vez mais, com a indignação do nosso espirito, com a somma das nossas energias revoltadas, com as crispções dos nossos nervos, com a nossa fé indomavel, com a nossa coragem sem limites, com o rugir da nossa propria dignidade...

Hoje? A' manhan? Quem o sabe! Basta que todos nós — elles, os déspotas, e nós, os revoltados — saibamos que ella é inevitavel e fatal.

Quanto ao mais... dize á tua disciplina que saiba esperar. Milhares de homens, mais sacrificados do que tu, a esperam, dia e noite, de armas na mão, de ouvido á escuta, sedentos de liberdade, sedentos de justiça, parecendo-lhes ouvir, a cada instante, o signal libertador...

Elles sabem esperar. Espera tu tambem, com a inabalavel convicção de que não esperas uma aventura mais: agora esperas a victoria.

*

Dizes-me tu tambem que o prior da nossa freguezia, quando lhe falas de revolução, tem arrôtos irônicos de animal bem tratado. Ri-se, palitando os dentes.

Mais ainda: quer levar-te ao desánimo e á descrença, dizendo-te que a revolução se não faz porque o Antonio José de Almeida lida apenas com a dynamite da rethorica, pouco se lhe dando a empreza colossal de libertar um povo; que a revolução se não faz, porque o Affonso Costa pensa mais em gosar os encantos da vida do que em sacrificios pela causa da democracia; que a revolução se não faz porque o José Relvas, na sua avareza, era incapaz de applicar o producto de um simples almude de Sauterne á compra de armas; que a revolução se não faz porque João Chagas é apenas um sonhador, sem qualquer trabalho pratico e valioso; que a revolução se não faz, emfim, porque nem o Antonio José de Almeida, nem o Affonso Costa, nem o José Relvas, nem o João Chagas se entendem uns com os outros, por vaidade ou por qualquer outra coisa, não passando de pura mystificação os seus pretendidos esforços revolucionarios.

Deixa falar o prior. Esse recado, ignóbil e tórpe, com que elle procura desanimar-te e vencer-te, ensinou-lho o Portugal.

Deixa o prior arrotar e sorrir... Não ha muito ainda, vae para dois annos, tambem os déspotas sorriam, tambem os déspotas tinham arrôtos de ironia...

Depois, em uma tarde sangrenta... Adeus. Beija por mim a ama do prior.

RI-DE-CAR.

CHRONICA

Em forma de carta
a um que devia fechar ante-hontem a sua porta,
mas não fechou

Sr. commerciante:

Dou-lhe os meus sentimentos! Fez uma figura admiravel! Pena é que o Portugal não elabore uma lista de pessoas que não fecharam ante-hontem a porta e não peça para ellas a Cruz e Espada. O sr. tál a-hia d'aqui a uns dias, como aquellos famosos policias, a que os jornaes se referiram.

Porque não fechou o sr. a sua loja? Porque é catholico? Não! O sr. não é catholico. De sobra tem dito que é livre pensador, adherente ao Registo Civil, um pouco atheu nas horas d'ocio e não perdendo nunca a oportunidade de dar as suas alfinetadas no Padre Mattos.

Portanto, o sr. não fechou por ser catholico e por lhe desagradar a manifestação de hontem. O sr. não fechou por não ter coragem para isso. Isto é, o sr. não fechou por cobardia.

O sr. fornece muitos jesuitas. Esses jesuitas são pessoas, de seu natural, intollerantes. Se o sr. fechasse e elles soubessem que o sr. tinha, assim, adherido á manifestação, deixariam, provavelmente, de ser seus freguezes.

Portanto, o sr. formulou o seguinte dilemma: «O commercio não deve ter opiniões».

Com certeza! O commercio não deve ter opiniões. O commercio tem uns tantos por cento de lucro, tem uma burra, tem um borrão, tem um carimbo, etc., mas não tem opiniões. Ora, se o commercio não tem opiniões, é natural que as tenham os commerciantes.

E ha momentos em que é preciso manifestar uma opinião qualquer. O sr. está entre Scylla e Carybides. A Junta Liberal pôz-lhe deante o seguinte dilemma: «Ou fecha, ou não fecha». Se fecha, é liberal; se não fecha, é reaccionario. E aqui está como o sr. tem de se manifestar, quer queira, quer não. A não ser que não feche nem abra, o que não sei como se conseguirá.

*

Entre liberaes e jesuitas, o sr. manifesta-se ostensivamente pelos ultimos. Qual a razão, se o sr. não é jesuita?

A razão está n'isto: — Os jesuitas não lhe perdoariam a sua inimizade. Os liberaes perdoam-lh'a immediatamente. Hoje, os mesmos de hontem continuam a frequentar-lhe o estabelecimento, depois de o sr. lhes ter recusado a sua solidariedade. Os jesuitas não lh'o fariam. Os jesuitas, se soubessem que o sr. tinha fechado, nunca mais lhe deixariam entrar um vintem nas gavetas.

Neste caso, os liberaes tinham um caminho a seguir: já que o sr. não tem a coragem de ser por elles senão com palavras, deviam deixar de lhe prestar o seu apoio economico, deviam deixar de ser seus freguezes e o sr. vêr-se-hia

n'uma collisão terrivel. E assim teria o castigo da sua fraqueza.

Então não deixaria de fechar as suas portas quando a liberdade lh'o exigisse. Apesar de partir da tal hypothese de que o commercio não tem opiniões, o sr. fecharia, não por ter opiniões, mas por ter amor ao dinheiro. O comicio de domingo e a manifestação de hontem provaram-lhe que, se aquella multidão se lembrasse de pôr em pratica o alvitre acima exarado, até o santeiro allí da rua de S. Roque fecharia as officinas.

Mas então, se o sr. não põe as suas ideias em pratica, para que as tem?

Francamente, eu não comprehendo que se tenha ideias para fazer exactamente o contrario do que ellas obrigam. N'esse caso, mais honroso seria não ter ideias.

Ter ideias é ter responsabilidades. Não se anda a apregoar liberalismo para agora ficar de cocoras, deante do *Sacré-Coeur*. Um homem n'essas circumstancias é peor do que um inimigo. Seria mais digno adherir o sr. ao *Portugal*.

Ter ideias para si! Que irrisão! Mas que é isso de ter ideias para si? E' o mesmo que não as ter. E' ser como um boi, uma gallinha, uma porta, um ramo de salgueiro, uma sardinha assada! E' ser tudo, menos um homem!

E. DE C.

Ora não ha! Então não querem ver aquelle D. Juan mascavado do padre Mattos que se atirou á pequena Dulce?! Grande guloso! Era o que faltava!

Vá para Ervidel beijar o rabo da burra da sua avó, seu estupôr!

O diabo do *polainhas brancas* é como as gaivotas quando adivinham temporal. Em elle arribando ao paço é ministerio de pernas ao ar pela certa!

Contam os jornaes que a policia mandou arrancar os cartazes annunciadores do novo folhetim do *Paiz*, *Soror Amelia*.

Que Amelia se escamaria?! Seria a das *laranjas*?

Com este calor, o Alpoim lá na camara tem transpirado tanto que aquillo um dia esvae-se.

Está tão mudado! Já não tem aquella côr vermelha de outro tempo! E' do calor.

MEMORANDUM UTIL

Caldas & Filho — Chapéus de sol e de chuva, bengalas e concertos. R. da Prata, 105.

Magalhães Peixoto — Instituto Contabilista. Cursos de escripturação commercial. R. de S. Julião, 162, 3.º andar.

Conservaria Pomona — Doces, pudings, conservas e fructas crystalisadas. R. da Prata, 111 e 113, esquina da travessa de S. Nicolau.

Restaurant Chuva — Almoços, jantares e ceias a preços modicos. Serviço por lista. R. de S. Julião, 61 a 67.

Animatographo... vivo

Está claro que o acto heroico do famoso padre Mattos foi discutido diversamente.

Foi negado terminantemente pelos *thalassas*, como se elles estivessem agachados na sacristia da Ajuda á espreita dos ratinhos, e affirmado pela verdadeira testemunha que indignada o contou.

O Mattos, na sua qualidade de escriptor, conhecia aquelles versos antigos que dizem:

Beijo na face
Pede-se e dá-se.
Dá!

Elle, como professor de moral e campeão do jesuitismo, não pediu mas... deu.

Custou-lhe a coisa um *tapa-olhos* e uma luneta partida, mas não é de suppôr que o conhecido Lourenço, padre-mestre do *Portugal*, e um bocadinho mais mulato que o nosso capitão Dias, o tal que é já tenente-coronel de facto, mas capitão permanente, se não zangasse e dissesse como o preto da anecdota: — pancadinhas d'amor não fazem mal a ninguem.

Fizeram apenas um escândalo dos de *primeirissima*.

E pondo a coisa na metrica,
Temos tambem... *além d'isso*,
A linda mulher electrica
E a giboiça que é feitiço!

O Moritz a pataco,
O toureiro de tres pernas,
E mais o homem macaco
Com varias coisas modernas.

Além d'isso sem recatos
Temos tambem por folia,
O famoso padre Mattos
A beijar na sacristia.

O pasquim do famoso Mattos do Pelourinho, o tal Cupidinho de sacristia, chama á republica franceza nada menos do que "republica ladra."

Ora com franqueza o insulto não fere a grande nação, porque no genero ladroeira a companhia das aguas podia mandar a conta ao prior das beijocas, o caso da herança Camaride talvez dêsse agua pela barba á jesuitada brava e o 854 resuscitasse a berrar que lhe tinham roubado a vida.

No entanto é bom registrar se que as offensas ás nações estrangeiras não podem nem devem ser permitidas quando não ha razão de especie alguma.

Se nós fossemos da laia dos padres que pretendem seduzir donzellas nas sacristias dando-lhe beijos lascivos, já estavamos a segredar o facto ao feroz *gabinete negro*.

Não vale falar em roubos,
O' gente do Pelourinho,
Que são da imprensa os bobos,
Lá, em lascivos arroubos,
Até roubam... um beijinho!

Como constou que o governo ia mandar tropas para a fronteira, em consequencia dos acontecimentos de Hespanha, um jornal pergunta, muito ingenuamente:—Para quê?

E' facil a resposta.

Para se gastar dinheiro, visto que a ordem é rica e os frades são poucos.

Além d'isso... que é o estribilho em voga, serve tambem para, no caso de necessidade... urgica, os nossos *bravos* se baterem com... as hespanholas, o que talvez succeda.

Mas a campanha não mette mortos nem feridos.

Pelo contrario; talvez arranje vidas!

Se a tropa vae p'rá fronteira
E a noticia é verdadeira,
Não temam um caso féro.
Não recuam as *manolas*
E ao trinar das castanholas
'Té se grita: *Olé salero!*

Se o governo côr de cidra,
Teme que entre agora a hydra
Pela fronteira com brios,
Decerto razão não tem,
Quando quizer entrar, vem
P'lo telegrapho... sem fios!

ORLANDO.

O grande e afamado sr. Campos Ferreira, orador emerito e collaborador do *Portugal*, que surdiu, não se sabe de onde, disse: — «deixem-me acabar de falar e depois interrompam-me».

Parabens ao illustre tribuno do *bric-à-brac* monarchico que, modestamente, põe nos bilhetes de visita, todos estes titulos nobiliarchicos:

Escriptor e jornalista, correspondente d'este e d'aquelle jornal da provincia, etc., etc., e Socio n.º 3:527 DA LIGA MONARCHICA.

Foi tão feliz, que merece um beijinho do pad. Mattos, que está na maré das caricias, e um apertado abraço de um ex-poeta e ex-anarchista, hoje muito chegado á Parreirinha, que muito o admira e venera.

Um estalo a tempo

Ao "*Furta-Aguas*, não ha santo que valha
Para negar ter feito a *linda* açao.
Que lhe custou valente *bofetão*
E que fez derrotar a *clericalha!*

Por isso abençoada seja a mão
Que smurrou o focinho do "*canalha*,"
Do padre vil, que aterra e que enxovalha
Cada vez mais o clero e a religião.

Bem dita seja pois a bofetada
Que alvejou essa tromba descarada
Do professor *ardma* sem vergonha.

Por lh'a ter dado mão *casta* e mimosa
Essa grande *estalada* foi ditosa,
O seu valor na mente o Zé a ponha!

RALMEIDA.

Como Deus quer os corações!

No Pelourinho, tiros; na sacristia, beijos; na gazeta-pasquim, odio e verrina; no templo, amor e palavrinhas doces ás raparigas bonitas.
São para tudo os *matos*.

Conselhos d'um parvo

Donzella que quizer perder recatos,
Vae á Ajuda falar ao grande Mattos.

P'ra dormir como um estupido animal,
Basta ler a *Palavra* e o *Portugal*.

Quem quizer um logar e nada mau,
Vá dizer que é *thalassa* ao Wenceslau.

E quem pense fazer grande vistão,
Réze muito ao "*sagrado coração*,"

PALERMA.

A VERDADE!



DEPOIS DE DESINFECTADA
ESTA MÃO É SAGRADA!..



Meu querido Le Lourenço de Mattos
Li o teu da fundo no nosso teu apreciado "Portugal"
e realmente é o que se chama achatar o beque aos frutíferos
que te querem desacreditar. Na passagem que diz, "ellas
é tal a mania do papelucho que até na photographia é mentiroso"
estamos incondicionalmente a teu lado para afirmar o que di-
zes e ainda para provar que o retrato é falso, porque comparado com este
que é o verdadeiro, e que te representa na occasião em que por obra e gra-
ça d'aquella divina mão, te fez conceber uma luneta partida, não se parece nulla
Conta sempre com a minha caneta para a verdade
Silva Sousa

Ora isto!

Mas que grande pouca vergonha!... Bem basta o trabalho que eu tenho tido, para descobrir a direcção dos palões dos nossos politicos; quanto mais mato os miolos menos acerto, e estes estupores a distrahir-me as idéas para outros assumptos.

Arre, deixem-me estudar!

Que tenho eu com a vida alheia?

Estava eu seriamente atrapalhado a estudar o volume do sr. Alpoim e o pezo das suas opiniões politicas, quando a D. Aldonça, a parteira que mora aqui ao lado, me veio dizer que dêsse uma descasca no sr. padre Mattos porque elle tinha tentado fazer pouco de uma rapariga na sacristia da igreja da Ajuda!

Já se vê que uma coisa d'estas requer logo inormação rapida e concisa.

Foi o que eu pensei; e tal qual como faz o sr. D. Affonso que em casos de incendio se mette no seu automovel e parte a nove para o local do sinistro, eu que tambem posuo um gaspeado de vitella, metti-me no meu *auto-palhetas*, e elle ahi vae de côco ao lado, tirar informações.

Ora aqui está o que eu apurei.

O' Christo, olha p'ra misto!

Para auxiliar a catechese e tomar conta nas creanças tinham chamado uma rapariga de 16 annos, de nome Delmira Mello, que pelos modos estava meio convertida á madureza dos santinhos e por isso se lembrou de pedir ao *madre patos* para lhe benzer uma imagem de estimação; o reverendo masmarro accedeu ao pedido e levando a pequena para a sacristia, quiz benzela a ella primeiro que a imagem, o que lhe valeu receber da rapariga um reverendissimo tabefe, nas reverendissimas trombas, partindo-lhe os reverendissimos olhos, enterrando-se-lhe os reverendissimos vidros na reverendissima cara de bedo.

Ha quem diga que aquillo foi por engano.

As canastras estão fulas por virem a publico as proezas da jesuitada.

Pois tenham paciência, filhas, a verdade manda Deus que se diga, e com muita sorte estão de a gente não saber nada de facto a respeito das meninas; mas tenham a certeza que se um dia transpira alguma cousa, nós cá estamos para lhes pôr a santidade á mostra.

Mas voltando ao sr. padre Mattos, diz um collega que após o tabefe o reverendo masmarrão fugiu e quem lhe deu fuga foi um sacrista de nome Serapião.

Seria o burro do sr. Alcaide?

O mais engraçado é que a pequena tem um namoro com quem está para casar.

Nós não conhecemos o feliz futuro esposo da pequena, mas nem só por conhecimento se dão conselhos; por isso só lhe diremos que, se precisar de um bom marmelleiro, cá o collega Zé da Herdade tem uma collecção d'elles até emponteirados. Não sei se nos fazemos comprehender?

De um collega:

A Fernanda diz que o cavallo que a levou á praça de Algés era muito duro de bocca.

Apri! A' D. Fernanda deve-lhe ter ficado de emenda.

Nunca mais torna a entrar no rondel!

Bem lhe bastavam os trambulhões que apanhou, a troça que soffreu, e ainda por cima, até por desgraça, apanhou um cavallo duro de bocca.

Arre, diabo!...

EPITAPHIO

Aqui jaz uma luneta,
Toda feita em boccadinhos,
Por mercê d'uma galheta.

.....
Era d'um padre pateta,
Amigo de dar beijinhos!

K. K. MURRO.

Ao que escrevem os jornaes hespanhoes, Maura está-se fazendo João Franco como todos os diabos.

Cautela com os candeeiros, que *nuestros hermanos* não são para graças.

Um oculista da Ajuda já encomendou uma grosa de lunetas do gráu do prior Lourenço.

Quer estar prevenido para o que der e vier.

Um dia memoravel

Não podemos, como desejavamos dar-mos uma desenvolvida noticia da impoentissima manifestação que hontem o povo de Lisboa, a convite da Junta Liberal, realizou não só, no meio do maior enthusiasmo, mas o que é mais significativo ainda, foi a ordem mantida sempre durante todo o percurso.

O espaço não nos permite alongarmos; mas no proximo número trataremos d'este assumpto como elle merece, no emtanto depois do que hontem se passou é forçoso que o povo se arme o mais rapidamente possivel, e derrube essa monarchia reacionaria e pôdre, proclamando a Republica.

Viva a Revolução.
Viva a Liberdade.
Viva a Republica.

A descoberta dos gatunos da ourivesaria da rua de S. Bento deve-se a uma rapariga que metteu n'um chinello a conhecida *esperteza* policial.

Tambem não é preciso muito.

E' verdade, ó *Argus* da Parreirinha: onde pára o homem do chapéu cinzento da rua dos Alamos?

Se calhar, anda de pandega com o homem da boina do Barreiro.

Andam por ahi damnadinhos os amadores d'esta nova secção por saberem quaes são os premios que tencionamos dar.

Esperem, tenham paciencia, que apanham.

Hoje ahi vão mais estes motes que recebemos com os finaes obrigados e temos cá mais.

MOTE

Sempre que ponho *cosmético*,
Faz carêtas a *Escolastica*.

GLOSA

Nada tenho de *amantético*,
Levo uma vida *economica*;
Mostro, é certo, veia *cômica*,
Sempre que ponho *cosmético*!
Minha mulher orê-me *sceptico*,
Por não me importar da *plastica*;
Eu digo: — Faço a *gymnastica*
Que tens visto nos *opusculos*;
Mas quando me vê os *musculos*...
Faz carêtas a *Escolastica*.

APOLLO 1.º

MOTE

Porqu'eu não uso *cosmético*
Já não me estima a *Escolastica*.

GLOSA

Sou um rapaz *amantético*,
Não tenho vida *economica*;
Olhem lá que esta é bem *cômica*,
Porqu'eu não uso *cosmético*!
Sou um typo quasi *sceptico*,
Não me importo de ter *plastica*,
Nunca assisti á *gymnastica*,
Nem p'ra isso compro *opusculos*;
E lá por eu não ter *musculos*,
Já não me estima a *Escolastica*!...

APOLLO 2.º

MOTE

Anda livremente o *sceptico* (1)
Na terra da boa *plastica*...

GLOSA

Usando muito o *cosmético* (2)
Desde a cosinha *económica*.
A' velha beata e *cômica*,
Anda livremente o *sceptico*.
Tem-se tornado *amantético*
Da *virtuosa Escolastica*, (3)
Que com ella faz *gymnastica* (4)
Movendo bem os seus *musculos*;
Lendo-lhe, após, vis *opusculos* (5)
Na terra da boa *plastica*...

ALI-BABA.

Do meu dicionario

- (1) *Sceptico*. — Padre. Jesuita visto por dentro.
- (2) *Cosmético*. — Mentira e intrujice da reacção.
- (3) *Escolastica*. — Amelia da Corte Real.
- (4) *Gymnastica*. — Exercicios profanos.
- (5) *Opusculos*. — O Portugal, A Cruzada, etc., etc.

A. B.

A Fernanda afirma que nunca mais monta.

Prefere o contrario.

Consta que os liberaes vão offerecer uma artistica mão de ouro á joven Delmira, como recordação do seu acto de coragem.

Se nos fosse licito, aconselhavamos que a mão fosse de ferro, para o que dêsse é viesse.

Sôr Redaitor

O' spois da ter istado doente com uma esripela no interior de dentro do baixo ventre, caté me priviü de vacuar, escrevole esta para o avezar ca vou avallar p'ra cedade e ahi le vou fazer as minhas aquellas. Istou memo mortinho por ahi chegar só pelas muntas novidades ca i dizen ca ha.

A minha cachopa quer ca é le amostre tudo, e va é voule fazer a vontade.

Dizen ca ha a i um coreto canda do Rocio, pró Terreiro do Paço e do Terreiro do Paço para o Rocio, a entreter o povo com musicatas para os gatunos o roubaren mais á vontade.

Ten sê gêto e lá vou ver, ma nanja com denhero nos bolços nen coisa ca o valha.

Dizen ca no domingo ha um comixo ante culerical.

Ca tamben vae uma junta de liberaes ao Pralamente das Côrtes das iscomposturas de S. Bento.

Ca praça dos toiros de dia, paçou a ser á noite com luminarias de gazolinas inlestricas.

E ca lá toireia na toirada um ispanhol ca le chamam o cucheirinho do berimbau e ca pelos modos é um grande artista.

Ca ha' ahi uma cachopa ca ten a mão leve ca nen um fadista a pontos de insté ir ás ventas ao padre Mattos caté le pratiu as lunetas de pôr no nariz dos ofhos.

Ca nunca as mãos le doian.

Ca ella ca queria ca elle le benzeze o sr. dos Passos e ca elle óspito queria fazer batota e trocarle o santo dos Passos por um são gregorio ca ella nan quiz acêtar.

En vista de tantas novidades vou tratar de aparelhar os jumentos e abalo hoje mêmo mal a cachopa para a cedade.

Acête sôr redaitor muntas saíodades do sê amigo obregado

MANEL CEGUINHO.

Olliveirinha da Ronha, logar da Fronha, 30-7-909.

Passes... de peito

Na penultima corrida nocturna distribuiram-se uns pasquins assignados por um grupo de amadores, em que era visado injuriosamente o bilheteiro da empresa do Campo Pequeno, pois se fazia vêr ao publico que era explorado pelos contractadores de convivencia com o citado bilheteiro.

A coisa requeria investigação, como se vê, muito mais conhecendo eu a familia Monteiro, desde José Maria, o mais velho, até ao fallecido Augusto Monteiro, tendo sido amigo pessoal de todos elles.

Extranhei bastante que aficionados descessem á baixeza da insidia, por um pataco a mais n'um bilhete de touros e por isso tratei de apurar o caso.

Pois sabem quem era o tal grupo de aficionados?

Era um contractador a quem Rodrigo Monteiro não poudé vender umas barreiras de sol, porque não as tinha e o covardão não hesitou em se tapar com o nome dos aficionados, o que já é maroteira grossa, como ainda queria comprometter um empregado antigo da empresa.

O que vale é que Rodrigo Monteiro tem o seu nome e o seu caracter de homem honrado tão garantidos perante a empresa do Campo Pequeno e todos que o conhecem, que a baba peçonhenta que vomitaram contra elle nem sequer lhe attingiu as solas das botas.

E' espantoso!

Até nos contractadores, ha padres Mattos.

No dia 8 realiza-se uma corrida em Algés em que se apresenta pela primeira vez ao nosso publico uma arrojada montadora de touros, que, segundo dizem, foi muito applaudida em Hespanha e no Mexico.

Chama-se ella a señorita Soccorro. (A D. Fernanda na ultima corrida por pouco não gritou: Aqui d'El-Rei!)

Veremos e falaremos.

Quinta feira 5, grandiosa corrida nocturna. Toma parte o espadá *Bienvenida*.

Tambem no dia 8 teremos na praça de Cacilhas uma brincadeira particular em que se lidarão dois touros positivamente a hespanhola.

Em 12 de setembro é a festa de Thomaz da Rocha no Campo Pequeno. Este nosso amigo e estimado artista está organizando um cartaz de primeira ordem, a fim de que tanto o publico como os seus amigos fiquem satisfeitos com a corrida que tenciona proporcionar-lhes.

Lerias...

Não sinto agora vontade
Nem de rir nem de brincar,
Grande desgosto me invade,
E só a necessidade
Me põe teso a versejar.

A' bola dou grandes tratos,
Buscando cousa faceta,
Mas, sendo homem dos pacatos,
Só pergunto ao padre Mattos
Porque partiu-se a luneta?

Amargura não desejo,
Pois em mim risos concentro
E vae-me faltando o... pejo,
Mas um solha p'r'um beijo...
Palavrinha... é muito dentro!

O Pinto, por alcunha *Balsemão*, nunca deu beijos a raparigas.
Só dá tiros a policias por... de-sastre.

Theatradas

Desculpem as leitoras a falta involuntaria da semana ultima.

Desculpem tanto como eu agradeço ao meu substituto a fama de pandego e estroina que houve por bem prodigalisar-me.

O auctor das ultimas theatradas biographou-me de tal fórma, que algumas leitoras chegaram a julgar-me um habitante do *Paiz do vinho*, revista de estalo, que vae fazer successo na

Trindade, graças ao *savoir faire* do Taveira. Boa musica, rico scenario, guarda-roupa luxuoso e o concurso da boa piada dos actores, tudo faz prever um successo.

No entanto *dei sorte* com o *Eu mesmo*.

O facto de faltar á secção obrigatoria não me põe na contingencia de ser qual o Moritz 1.º, que se exhibe agora no animatographo nitido e perfeito do

Golyseu dos Recreios e acompanha a companhia de variedades de que faz parte o principe Kuroki, o heroe da magia.

Nada d'isso.

Bem sei que vou constantemente á feira, decilitrando na antiga barraca das faturas, do nosso amigo Julio, e recreiando-me no

Chalet Avenida, onde a bella revista *Em aguas de bacalhau* pegou de estaca.

Não nego que raramente perco as *premières* e que não falto, de certo, á nova revista do Celestino, *A abelha mestra*, que nos dá o popular theatro da

Rua dos Condes, assim como já me deliciaei vendo a revista de Daniel Moreira, *Carta a Portugal*, representada na feira, no Theatro Chalet. — A Isabel Costa, uma carta adorada, e a Alice Figueira, garotinha e brejeirota, fazem revirar o tuitiço do mais socogado.

Não faltei, tambem, ao

Casino Etoile da calçada da Estrella que tem lá a revista, do dr. Maximo Brou, *Para grandes males*... que achei d'alto lá com ella.

Depois entretive as horas de ocio nas cobras gigantes, no

Pavilhao Chinez, onde está o celebre transformista cavalleiro Pellerano, e no Chalet Lusitano, que leva a revista *Bombas e Petardos*.

Entreí alegremente no

Cine Royal Palais do nosso amigo Lobo, bebi uma cerveja no Tupinambá, e eis a minha grande pandega!

Tenha paciencia o *Eu Mesmo* que me substituiu, mas a censura amena foi de arripiar os cabellos de um careca.

Terminando, eu direi como a *Nitouche*, parodiando um dos seus *couplets*:

Não peques, filho, o peccador
Do inferno ás chammas vae parar!
Eu queria vêr o tal senhor
Ir para a feira e não peccar.

Era, como os melhores na bella da pagodeira.

Se calhasse, ia para o padre Antonio dar beijos nas educandas, imitando o padre Mattos.

SECRETARIO.

Supplemento d' "O XUÃO"

(A CÔRES)

Publica-se no proximo sabbado

Grande formato

Preço 10 réis

É SACRISTÃO OU CHEFE DE ESTADO?....



ELLES FAZEM TUDO QUANTO QUEREM DE MIM! ATÉ RATO DE SACRISTIA!